

Interdisciplinaridade: Teoria e Prática¹

Ivani Catarina Arantes Fazenda²

¹ Palestra proferida por ocasião do II Seminário Interdisciplinar de 2017 do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, em 24 de maio.

² Ivani Catarina Arantes Fazenda é livre docente em Didática (UNESP), doutora em Antropologia (USP), professora-titular da PUC-SP. Coordenadora do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) e da Linha de Pesquisa e Interdisciplinaridade do Programa de Pós-graduação em Educação (currículo)-PUC-SP. Bolsista de Produtividade do CNPQ – Nível 1 B-Educação

Obrigada pela acolhida, obrigada por terem dedicado um semestre para a leitura dessas questões que sempre me preocuparam, que são as questões ligadas à interdisciplinaridade.

Obrigada pela homenagem feita ao meu amigo que Yves Lenoir, que lidera as questões da interdisciplinaridade no Canadá, mais especificamente em chadru, Quebec e o Canadá todo, mas Bristh Columbia, por exemplo, nós estamos agora começando uma interação enorme com o grupo da British Columbia, em Vancouver, que também desenvolve um trabalho fantástico.

Então, essa questão que começou pequena, no Canadá, hoje ganha uma legitimidade muito grande e pauta o currículo e a formação de professores e alunos em todo um país.

Com isso, os indicadores de nível de vida evoluíram bastante, evoluíram através dos anos. Então, quando a pessoa começa a se auto-reconhecer, ela começa a reconhecer o lugar que habita.

Eu vinha, por exemplo, com Mariana no carro vendo aqui essa cidade acolhedora de Taubaté e verificando coisas que, por exemplo, na grande capital São Paulo, onde eu vivo, ruas limpas; calçadas não tão esburacadas ou pouco esburacadas, onde as pessoas não caem, onde elas continuam caminhando; árvores, flores, vegetações.

Então, lá no Canadá, eles têm algumas escolas muitíssimo preocupadas, a maioria delas, com a questão do lugar em que se habita. E é no lugar que se habita que se pode conhecer melhor quem habita aquele lugar. O nível de educação do povo está diretamente atrelado à imagem arquitetônica do espaço onde o Homem habita.

Infelizmente, nós aqui, de certa forma, perdemos muita coisa através dos anos vivenciados em Educação. Na época, por exemplo, dos meus pais, na escola, o professor era visto como um sábio, que poderia, inclusive, reunir famílias e discutir alguns problemas relacionados aos cotidianos das famílias ou ao cotidiano de algumas pessoas.

Então, o professor era uma pessoa super referenciada. Isso ia, desde a roupa que ele vestia, às atitudes, às palavras que ele usava, principalmente, o olhar e o carinho que ele tinha para com os seus alunos.

Passada a geração do meu pai, vem a minha geração. Então, a minha geração já não era assim tão... mas era também. Nós tínhamos uma disciplina – que a disciplina é o fundamento principal da interdisciplina: não existe interdisciplina sem disciplina. E a disciplina era consensuada, ou seja, havia algumas que regiam a escola. Porém, essas regras eram regras discutidas em vários níveis, eram discutidas na sala de aula com os bedéis – chamavam bedéis os inspetores de sala de aula, que, de certa forma, eram, naquela ocasião, os tutores que nos acompanhavam, que ajudavam a gente na recolha de livros na biblioteca e, principalmente, um respeito em sala de aula.

O respeito em sala de aula se dava pelo horário de começo, de meio e de fim e isso ia se passando para a casa.

Então, os pais, porque foram formados daquela forma, também faziam o mesmo nas suas casas. Então, a disciplina era alguma coisa bastante importante. Às vezes, era vista como uma rigidez absoluta. Porém, não conseguimos ir para uma suavidade, uma meiguice, um afeto, sem disciplina.

A reverência aos avós, aos bisavós, aos tios, aos irmãos, aos professores era uma coisa, na minha época, bastante valiosa.

Agora, vou para a geração dos meus filhos, que têm a idade de vocês... Os meus filhos são... Mariana é minha filha, filha intelectual, que está há 20 anos comigo, assim como Odila e outros aqui da Unitau que estiveram comigo durante quase 20 anos.

Eu tenho dentro da minha sala de aula uma porção de professores daqui que passaram por essas questões da interdisciplinaridade. Houve na época de vocês uma certa confusão entre disciplina e interdisciplina e esta confusão conduziu-nos ao seguinte: o professor vem com um quadro rigoroso de tarefas, tarefas a serem cumpridas e nem sempre convenientemente explicadas, os alunos ficam extremamente perdidos e essa questão impede que o diálogo ocorra.

Se, antes havia pouco diálogo, quando eu era aluna do ensino fundamental e médio, entre nós e os professores, esse diálogo piorou, piorou muito. E mais: a avaliação feita era uma avaliação por tabela com vocês todos. Então, as notas eram rígidas e, se você não obtivesse aquele x de notas, você entrava para uma recuperação ou para uma reprovação. Reprovação.

E aí ficou assim: essa disciplinarização do conhecimento conduziu o mundo todo a um processo de globalização em que procurou-se especificar aquilo que não era específico e, então, dar nome a coisas que não se sabia porquê estava se dando esse nome.

Isso agora eu vejo nas minhas netas, na geração das minhas netas, agravando-se, agravando-se de uma forma terrível! As crianças, em geral... eu tenho uma neta chamada Sofia, que tem 7 anos de idade. Ela odeia a escola e é uma escola de nome em São Paulo, é o Colégio Porto Seguro. Ela odeia a escola e nega-se a cumprir.

Porém, houve naquela escola, sempre existem essas histórias, uma professora que é da área de música, que atualmente é minha orientanda, chama-se Margareth, que ofereceu uma flauta para Sofia.

Então, Sofia começa a se alfabetizar primeiro em música para, depois, se alfabetizar pelas palavras. Hoje, um ano e meio, dois anos depois, ela toca Mozart, Schubert, Chopin, com uma alegria e uma leveza incrível... só que a escola não é uma escola para ela: esse dom dela a escola não soube compreender.

Então, os pais procuram professores particulares para darem aula para ela, para ela suprir aquelas necessidades que a escola exige e ela fica numa aflição desesperada porque ela não consegue compreender o porquê daquilo. E toda aquela criatividade dentro dessa menina vai para o pé e ela se torna uma criança triste, ela se encerra no quarto dela, tocando, tocando: é o jeito com que ela está se encontrando com ela mesma.

E, aí, vejam: é complicado porque Sofia, para mim, representa nós todos, nós todos que não fomos compreendidos naquilo que tínhamos de melhor. Então, cada um de nós tem um dom, nasce com um dom, um dom maravilhoso, que, às vezes, está na oralidade; às vezes, está na escrita; às vezes, está na dança; às vezes, está no cálculo matemático... cada um de nós tem um dom.

Só que, dentro de uma visão disciplinar, a disciplina rígida, iguala nós todos como se nós todos fôssemos iguais. A diferenciação percebida ao final dos anos 60, quando se começa a falar em interdisciplinaridade, é por aí: qual o sentido do aprendizado e da escola? E começa-se a ver, principalmente começa-se na França (por isso, vocês colocaram aí o Lenoir com o saber-saber), porque naquela época, década de 60, a Sourbone dava a matriz diretiva do saber-conhecer maior para os intelectuais. Então, dentro daquele cabresto do saber-saber, eles criam toda uma sistemática de saber-saber, nem que seja para ser papagaio: repetir, repetir, repetir, repetir.

E aí vocês veem nos trabalhos de conclusão de curso ou nas monografias uma porção de colagens de autores, mas a alma do autor está escondida.

Outra coisa que está escondida e que começam a perceber lá na França é o seguinte: o que torna a pessoa feliz? O que torna a pessoa feliz é o que ela faz e o que ela faz de uma forma que seja valorizada.

Se você tem um indivíduo, que é açoiado cotidianamente em todos os aspectos, desde o aspecto físico – gordinho, espinhudo e... vai por aí, desde o aspecto físico até o aspecto intelectual, a pessoa vai se encolhendo dentro dela mesma e o que ela vê no espelho é aquilo que eles dizem que ela é.

Então, começa um movimento, e aí começa nos Estados Unidos, como vocês bem viram no texto do Lenoir, um movimento da importância do fazer, a importância de construir pequenas peças, pequenos jogos, pequenos ensaios tal como vocês fizeram agora: vocês conseguiram construir uma música maravilhosa em torno de um texto do professor Lenoir. Ele, se estivesse aqui (aliás eu quero mandar o vídeo para ele), ficaria muito feliz de saber que dá para ter vários tons sobre uma mesma música, vários enfoques sobre a mesma música.

Depois da década de 60, começam a aparecer métodos ativos de aprendizagem, aonde a estimulação do fazer e do saber se conjugam numa dupla, só que faltava a questão do ser que faz e do ser que pensa.

Surge, então, aqui no Brasil, não por obra minha, por obra de um grande amigo, que foi meu mentor intelectual chamado Jorge Gusdorf, que era um filósofo – a minha formação é em filosofia – e começa a revelar para mim a importância da história da vida das pessoas.

É na recuperação da sua história – onde você nasceu, quem foram seus pais, como era cultura daquele lugar onde você vivia, que cores vocês via melhor... então, a história do lugar, a história das pessoas, e, mais ainda, a recuperação da história do país, da cultura do país, a história da língua e a história do mundo.

Surge um terceiro atributo que Lenoir coloca que é a questão do ser: o ser se autoconhece: pela sua história, pela história do lugar que habita e pela história que esse lugar viveu durante séculos.

Assim, vou conseguir recuperar a história do meu bisavô, do meu avô, que eram estrangeiros que vieram para cá, como é que era aqui... Ou seja, se eu me constituo hoje assim é porque eu tive um passado que me condicionou a assim ser.

Quando eu começo a reverenciar isso, eu começo a reverenciar a velhice. Velhice não existe, vocês estão percebendo? O idoso não existe. Existe aquele que é cego, que não quer enxergar o valor da vida e da multiplicação dos dias e dos segundos que a vida dá.

A teoria da interdisciplinaridade caminha totalmente por essa questão que alguns colocaram do sentido e da funcionalidade da vida.

Agora vou falar um pouquinho sobre Brasil: sobre hoje, sobre política e sobre corrupção, se vocês me permitirem.

Tenho visto muitos programas na televisão discutindo essa questão da corrupção, da política. Uns acabam dizendo que é da globalização, que é um fenômeno mundial, e é, e como fica isso?

Me socorro da filosofia. Um filósofo chamado Habermas, que era um filósofo da linha fenomenológica, que lidava com sentidos. Ele dizia que existem dois sentidos: o sentido da vida, onde a cultura é valorizada, as ações dos indivíduos são valorizadas, o potencial dos indivíduos é valorizado, o porquê de cada um é valorizado.

E existe uma outra lógica, que é a lógica do mercado, que é a lógica do dinheiro, que é a lógica econômica e é a lógica da política – mas não da política aristotélica – de uma política que hoje se reduz como dupla dinheiro/poder, poder/dinheiro e que anula aos poucos, vai anulando toda a hipótese do outro segmento, que é o segmento da vida: de quem somos, e se somos ricos, se somos pobres, o lugar onde vivemos... existe diferença entre ricos, pobres, negros, brancos, indígenas, asiáticos... existe diferença entre religiões, sexo... Como é que é isso?

E aí, nessa questão do sentido da vida, em Habermas, ele diz que existe a proposição de uma volta natural à eliminação do sentido mercadológico, do sentido que empurra a pessoa para ter poder acima de tudo, com autoritarismo exacerbado, que flagela, que traz a guerra, que traz a fome e que traz a morte e que ele, o Habermas, vê a redenção da questão da corrupção – ele não trata exatamente desse tema, quem está tratando sou eu – a questão da recuperação da vida.

Vocês podem perguntar: onde isso pode acontecer? Isso deveria estar acontecendo desde as criancinhas pequenas que ingressam nas creches. Porém, se não, por que não num curso de pós-graduação? Por não a inversão de sistemas, num sistema que dá a vida, alimenta-se dela, da natureza e de um homem identificado em seu gene maior, que o criou, que o constituiu e que o fez na história e que é um ser tão poderoso quanto ou mais poderoso que aquele que vai roubar bilhões como vocês viram nessa semana na JBS.

Bilhões! E trapaceando. O jogo da trapaça é uma coisa que vai marcando o sentido da vida.

Quando nós daqui, da pós-graduação, começarmos a perceber isso e quando a gente começar a discutir isso com os nossos professores, eles vão começar a encontrar palavras adequadas ou formas adequadas e imagéticas, seja lá o que for, com som, com imagem, com lirismo, principalmente, com lirismo e com poesia para passar para as crianças e, aí, Isabela, Gabriela e Sofia, que são as minhas netas, poderão sair dos seus quartos e, de mãos dadas, usufruir de um Brasil melhor.

Obrigada.